

Entrevista com Cláudio Sales: “Riscos devem ser administrados pelas empresas”

GODOI, Maurício. “Entrevista com Cláudio Sales: ‘Riscos devem ser administrados pelas empresas’”. Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 28 de junho de 2017.

Agência CanalEnergia: O Instituto Acende Brasil promoverá novamente o Brazil Energy Frontiers em um momento de grandes discussões sobre o modelo setorial brasileiro. O que está no escopo do evento este ano?

Cláudio Sales: Essa será a quarta edição. O tema do evento esse ano é apresentar uma nova arquitetura de mercado. Hoje o setor elétrico é ancorado nos parâmetros da operação centralizada com base em modelo computacional, o PLD deriva dessa modelagem e os agentes não operam suas usinas cujos contratos são de longo prazo. Pois bem, vamos apresentar uma nova arquitetura onde a nossa visão é de não ser mais isso. Os agentes devem tomar a sua decisão com base em um arcabouço de regras de oferta de preços individualmente. Não é uma separação de lastro e energia, envolve questão de opções, uma outra visão que no mundo inteiro está indo por esse caminho com liquidação diária, produtos no day ahead e ofertas com antecedência bem como a programação do dia com base nessas ofertas sendo feitos ajustes diários e intraday. Apresentaremos um debate acerca do tema com a experiência internacional com palestra do professor Alfredo Garcia, vindo da Universidade da Florida, e um estudo que estamos desenvolvendo como projeto P&D com a visão desse desenho. E nosso objetivo é o de responder à questão de como deve ser redesenhado o mercado de energia elétrica no Brasil.

Agência CanalEnergia: Qual é a expectativa quanto à reforma que o governo planeja para o modelo setorial que vem se falando há alguns meses?

Cláudio Sales: Essa é uma medida que está sendo gestada há algum tempo no governo e a expectativa é de que teremos em breve a publicação dessa nota técnica que será colocada em consulta pública. Serão analisadas questões que requerem mudanças legislativas e isso depende da tramitação do congresso e não há prazo para essa avaliação. Nossa expectativa é positiva e sabemos do empenho dessas pessoas virtuosas que estão à frente do ONS, EPE e no ministério e que trabalham para reposicionar o setor. Apesar de jovem, a história vem provando que o ministro tem acertado na escolha das pessoas que colocou e na liderança que ele tem implementado. Temos que ter como objetivo blindar o setor da interferência política que temos visto para que continue avançando, temos exemplos que estão aí, é geração, transmissão e distribuição com problemas sérios e também a situação da liquidação financeira do mercado de curto prazo. Tudo acaba sendo herança da MP 579 que desajustou o arcabouço regulatório. Esperamos que nessa nota técnica tenhamos a direção que o governo pretende seguir.

Agência CanalEnergia: Acredita que todos esses pontos devem vir logo de uma vez nesse texto?

Cláudio Sales: Não se espera que venha um modelo detalhado na proposta, mas que traga a correção de rumo, indicação de um norte diferente que contenha mecanismos que sejam regulados posteriormente por outros instrumentos. E em linhas gerais, na nossa visão, deve abrigar duas coisas. A primeira é equacionar melhor a vulnerabilidade que temos hoje quanto aos diversos problemas em GTDC e

a segunda é direcionar diversas questões que permita aos agentes uma capacidade de administrar seus próprios riscos, inclusive para os consumidores. Essa é uma corrida contra o relógio, pois do jeito que está o setor, vivemos em uma insegurança grande e falta sustentabilidade. A questão da liquidação é um dos exemplos. Há uma série de pontos que a medida deve endereçar, mas lembrando que é preciso respeitar os contratos que estão vigentes, ou seja, não tem coisa simples a ser feita no setor elétrico.

Agência CanalEnergia: Daqui a um ano estaremos em plena corrida eleitoral, há tempo para isso?

Cláudio Sales: Não sei se em um ano será possível, mas o governo está empenhado em avançar. Essa turma que está aí é muito capaz e o ministro que tem se mostrado um grande líder. Temos que aproveitar esse que é um momento virtuoso do setor, com disposição ao diálogo e que tem que ser aproveitado, pois representa um contraste com o que tivemos nos últimos anos com a destruição da economia brasileira.

Agência CanalEnergia: Apesar dos defeitos que hoje estão aí, o atual modelo setorial teve suas virtudes ?

Cláudio Sales: Houve um crescimento sim do setor elétrico, mas não podemos esquecer que esteve baseado mais na expansão da economia e disfarçando assim a ineficiência do setor. De positivo tivemos a introdução dos leilões de energia, que trouxeram sim uma revolução positiva, pois até então havia sérias dificuldades, inclusive a falta de incentivos para investimentos em expansão, e o leilão veio e equacionou isso. Os números são expressivos, mas com esse crescimento veio junto projetos que não se sustentavam e projetos com participação forte da Eletrobras onde não raramente víamos a destruição de valor da empresa, que veio a reboque. A expansão era uma de nossas vulnerabilidades, mas é insustentável continuar da forma que está ao passo que o setor passa por transformações tecnológicas. E, além disso, fazer contrato de energia corrigido pelo índice de inflação por 30 anos é uma coisa complicada.

Agência CanalEnergia: A Eletrobras vem passando por um processo de mudanças que envolve privatizações e redução de tamanho. Como o senhor vê essa iniciativa?

Cláudio Salles: O caso da Eletrobras é um espetáculo com toda essa mudança na empresa desde que o atual presidente assumiu. Os números apresentados do que era a empresa um ano atrás e o que temos agora mostram a evolução. Mas mesmo com o atual momento não se pode considerar partida ganha, ainda há grupos de pressão e que a bem da verdade são os grandes responsáveis pela destruição de valor da companhia. Esses grupos são o grande empecilho às mudanças na empresa e não podemos menosprezar, pois têm muita força e estão representados pela política sindical que o Brasil foi colocado.

Agência CanalEnergia: A empresa estatal é tão ineficiente assim? Como é que se pode verificar o impacto desse aparelhamento político em uma estatal ante uma empresa da iniciativa privada?

Cláudio Sales: Um exemplo da diferença entre a eficiência estatal e a privada pode ser apontado com a questão da privatização da geração da Eletrosul que foi segregada e chamada de Gerasul. Essa parte representava 5% do tamanho da Eletrobras em 1998. Então, de lá para cá essa empresa mudou de nome e hoje é o que conhecemos como Engie que, obviamente, cresceu e hoje é maior que a Eletrobras em valor de mercado. Ou seja, o que era apenas 5% da Eletrobras hoje e quase duas vezes o tamanho da empresa de onde foi segregada. Isso mostra que esse modelo que está aí é um desastre por conta de seu uso político no grau mais elevado e absolutamente entregue, pois está baseado em sindicatos que são inegavelmente destruidores de valor para a sociedade. Daqui para frente esperamos que os marcos mais relevantes apareçam com a privatização das federalizadas e esperamos os próximos passos com o formato da venda das distribuidoras da Eletrobras se não conseguirem vender as seis que vendam quatro pelo menos.

Uma empresa tem que ser geradora de valor, é um absurdo o que aconteceu na Eletrobras e a sociedade tem que apoiar a holding que busca ser virtuosa e não destruidora de valor. Uma empresa tem que ser criadora de valor senão fecha e a privatização aparece como solução mais óbvia e eficiente para o tratamento dessas questões. O que não for privatizado deve implantar um modelo de eficiência para ser melhor gerida do que temos hoje em dia. Um dos aspectos é evoluir o funcionário que deve ter em mente que deve ser remunerado de acordo com sua eficiência e tornar perene essa política. Até porque hoje a diretoria é uma, mas pode mudar pois estamos falando de uma estatal, que por definição na literatura econômica é apontada naturalmente como menos eficiente que uma empresa privada, pois seu objetivo é indefinido.

Enquanto a privada tem esse objetivo claro que é gerar valor para o acionista, a estatal fica com a discussão de qual deve ser seu foco em função de sua presença estratégica para o país ou função social. Isso acaba desviando o foco. Além disso, não podemos esquecer do seu uso político, inchaço e burocracia que leva a ineficiência e sem a agilidade de uma empresa privada. Da forma que atuam no uso político é uma autofagia, estavam consumindo da própria carne ao ponto de fechar a empresa ao torná-la inviável do ponto de vista econômico. Estado é solo fértil para a corrupção, é óbvio que precisamos diminuir a presença do Estado, deve-se tirar o governo onde não é necessário e a iniciativa privada é mais eficiente, isso comprovado.

Agência CanalEnergia: Um ponto que é questionado é o valor de venda das empresas privatizadas no passado onde se apontava um valor considerado baixo pelas companhias que hoje valem muito mais...

Cláudio Sales: Isso mais que comprova a tese de que a iniciativa privada é muito melhor que a pública tem seu lado virtuoso. As empresas no passado foram vendida por um valor e ao longo dos anos foi pagando imposto e tudo o mais e assim mostraram que são eficientes. E são vários exemplos no setor elétrico e em outras áreas. Quanto maior a diferença entre o que valia antes e agora temos a comprovação da tese de que o setor privado tem potencial de crescimento e ser mais eficiente, gerando valor. Essas questões de avaliação das empresas, eu me lembro bem, foram feitas totalmente dentro do que é praticado em todo o mundo.